

Palavras que enlaçam e dão forma a um corpo¹

TIELI PRISCILA SOLDI²

RESUMO: Tomando como inspiração o livro *"Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras"*, da escritora Eliane Brum, o presente trabalho propõe-se a pensar questões referentes à palavra para a psicanálise. É sabido que Freud iniciou seu percurso teórico instigado por perturbações da linguagem, com a temática das afasias; além de, a posteriori, ter consagrado a palavra como instrumento primordial do trabalho analítico. O trabalho aborda o conceito de representação-palavra a partir da metapsicologia freudiana, como meio de acesso ao inconsciente recalcado, lembrando ainda que muitos sujeitos não apresentam condições de traduzir por meio de palavras suas experiências. De maneira geral, o trabalho apresenta a palavra como meio potencial para dar qualidades ao vivido, capaz de promover significações e sentidos às histórias dos sujeitos. É por meio da palavra que a dupla analítica constrói narrativas capazes de dar sentido aos corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Representação-palavra; Processo secundário; Simbolização.

Words that entwine and give shape to a body

ABSTRACT: Inspired by the book *"My unevents: the story of my life in words"*, from Eliane Brum, the present work aims to reflect on matters referring to words in psychoanalysis. It is known that Freud began his theoretical works instigated by language disturbances, as the aphasias, besides subsequently establishing the word as the analytic process' primordial tool. This paper addresses the concept of word representation as a means of accessing the repressed unconscious from the Freudian metapsychology, also reminding that many patients cannot translate their experiences by words. Globally, this work aims to present the word as a potential means to qualify life experiences, capable of promoting signification and meaning to the patients' stories. It is by the use of the word that the analytic duo builds narratives that can give meaning to the bodies.

KEYWORDS: Word representation. Secondary Process. Symbolization.

¹ Trabalho premiado nos Temas-livres da XL Jornada Anual do CEAPIA.

² Psicóloga formada pela UFRGS. Aluna do quarto ano do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do ITIPOA Psicanálise e Criatividade.

1-

O remédio é narrar mas,
como em todo arsenal terapêutico, é preciso atentar às condições desta boa prescrição:

carece de alguém que escute por fora, depois por dentro e, como narrar é agudo, precisa narrar para sempre, pelo menos narrar muito, muito mais do que o silêncio que é preciso estar presente.

Contraindicação não tem.

Se persistirem sintomas, deixa o remédio em paz, precisa narrar um monte, precisa narrar bem mais.

2-

Lá no fundo não sabemos de si, do outro nem em parte

o mais próximo a que chegamos do todo
é a arte.

(A arte de tratar, Celso Gutfreind, 2018, p.9)

Introdução

Meus desacontecimentos (Brum, 2014) é o título de uma das obras da jornalista e escritora Eliane Brum. Nele, a autora relata a história da sua vida com as palavras. Na medida em que se diz salva da escuridão e da morte pela palavra escrita, ela confere às palavras uma importância ímpar. Segundo a autora, a partir da sua relação com o mundo das palavras, foi possível a criação de sentido e a construção da sua história. Dessa maneira, proponho neste trabalho, tomando o texto de Eliane Brum como inspiração, relacionar a palavra escrita, ferramenta utilizada pela autora, para pensar questões referentes à palavra para a Psicanálise – instrumento central do trabalho analítico.

No livro, de forma genial, Eliane propõe o seguinte questionamento: “Com quantas palavras se faz um corpo?”, e por meio desse fio condutor, à medida em que vai escrevendo e tecendo sua história, vai aos poucos contando como ela mesma se arrancou do silêncio para se tornar essa bela narrativa. E, mais do que isso, os efeitos que sucederam desse encontro com as palavras: a criação de sentido e a invenção de uma vida. Eliane nomeia sua história antes do encontro com as palavras como pré-história, como caos, atribuindo a esse período que ela chama de escuridão, uma ausência de palavras.

Podemos transpor os aspectos trazidos pela autora para pensar o tratamento analítico. Não demora para observarmos em pacientes ou conhecidos, após iniciarem seus tratamentos, o efeito organizador que as palavras carregam, ao passo que clareiam muito desse escuro abordado por Eliane. A autora refere que há quem diga que prefere não lembrar, mas que ela gosta de chamar os seus monstros pelo nome, que escolhe por nomear os seres que a assombram. Não seria também o tratamento analítico a construção, por meio de palavras, de uma narrativa da história daquele sujeito? Um processo no qual vamos buscar dar nome aos nossos monstros e ao que nos aconteceu?

Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costumamos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida (Brum, 2014, p. 9).

Fui enlaçada pelo texto de Eliane, a começar pelo título da obra, do qual ela parte inventando uma palavra: desacontecimento. Por que será que a autora escolheu criar/inventar uma palavra nova? As já existentes não conseguiam dar conta do que ela queria expressar? É possível colocar em palavras tudo o que nos acontece? Será que muitas vezes nos nossos consultórios não nos deparamos com sujeitos que parecem carecer de palavras? Ou que expressam com clareza que determinada palavra não dá conta da imensidão da experiência vivida?

Por vezes, percebemos que os conteúdos são expressos por outras vias, como atuações ou adoecimento do corpo. Faltam palavras. Acredito que Eliane é certa na sua escolha por inventar uma palavra nova, pois, assim, anuncia o quanto precisamos ser criativos para lidar com o que nos acontece. Por mais que as palavras não deem conta da totalidade das experiências vividas e que pareçam ser insuficientes, elas surgem como uma saída para dar contorno ao que insiste em transbordar.

Qual será o sentido que Eliane quis transmitir ao utilizar a palavra desacontecer? Talvez haja nessa escolha pela palavra desacontecimento a marca de um repúdio a esses acontecimentos? Expressão de um desejo de que alguns fatos dessa história pudessem não ter acontecido? Fatos não desacontecem, mas ao longo de sua escrita fica evidente que o trabalho criativo carrega potencial para modificá-los. Dessa forma, escrever ou narrar é encontrar um lugar para si, na medida em que se cria um lugar para as experiências vividas e se dá um lugar para as coisas. Mediante sua experiência de vida, Eliane concebe a morte como um mundo sem palavras, ao passo que sente que foram as palavras que a salvaram da morte, de uma sensação de não existência.

As palavras na obra freudiana

A falta da palavra e a ausência da narrativa interrogaram Freud desde o início de sua obra. Não podemos esquecer que foi com o tema das afasias que ele iniciou seus estudos, o que evidencia que desde sempre Freud se interrogou e lançou a pergunta pela implicação do sujeito no seu ato de fala. Segundo Garcia-Roza (1991), apesar de ser um texto de neurologia, o aparelho proposto por Freud no texto das afasias é um aparelho de linguagem, sendo nele a linguagem tomada como efeito do funcionamento desse aparelho. E é exatamente pelo fato desse aparelho dizer respeito à linguagem, que ele vai poder funcionar como modelo para se pensar o inconsciente. Ainda, mais especificamente em relação ao ato de escrever, Freud também produziu. Em *Notas sobre o bloco mágico*, Freud (1925/1976) propõe um enlace entre o aparelho psíquico e a escrita, já em *O escritor e a fantasia*, relacionou o brincar infantil à escrita poética, entendendo que em ambas as atividades o sujeito cria mundos próprios (Freud, 1908/2015).

Freud se interessou pela questão da palavra em diferentes momentos da sua obra, mas é em *O Inconsciente*, de 1915, que ele se propôs a pensar sobre a temática da palavra propriamente dita. Nesse texto, Freud traz a palavra como uma das formas de representação para o psíquico – representação-palavra, como escolhe nomear (Freud, 1915/2010). Marucco (2013), ao elucidar o conceito de representação, relaciona-o com o conhecimento das coisas do mundo, vincula a representação às percepções (presentes e passadas) que fazem marcas no psiquismo. Ao descrever o inconsciente, Freud (1915/2010) afirma que tanto as coisas do mundo externo, como as do mundo interno, em sua natureza real, são incognoscíveis. Será então no formato no qual se representam para cada sujeito que se tornam conhecidas.

Segundo Freud (1915/2010), a representação-palavra é correspondente da representação-coisa, e ambas as representações são partes que compõem a representação de objeto. Com o intuito de descrever o inconsciente metapsicologicamente, Freud (1915/2010) diz que a representação inconsciente e o sistema Ics, de forma geral, são constituídos apenas pela representação da coisa (os investimentos de coisas dos objetos), isto é, pelos primeiros investimentos objetais propriamente ditos, que procedem da percepção inicialmente sensorial.

Na famosa Carta 52 (Freud, 1896/1987) enviada por Freud para o seu amigo Fliess, o autor considera que o primeiro modo de inscrição, ou seja, as primeiras marcas no psiquismo, corresponderia às sensações (sistema perceptivo). Essas sensações são descritas como matérias de um registro bruto de experiência, pouco transformadas e não suscetíveis de consciência. É preciso haver um trabalho psíquico de representação sobre esses registros de sensações para criar marcas conceituais, para transformar essas inscrições primeiras em marcas mnêmicas do inconsciente (representação).

O sistema pré-consciente (Pcs) surgiria a partir das ligações com as correspondentes representações verbais, o que acontece por meio de um sobreinvestimento na representação da coisa. Para Freud (1915/2010), esses sobreinvestimentos caracterizam uma mais alta organização psíquica, ao passo que também correspondem ao processo secundário dominante no pré-consciente, em substituição ao processo primário inconsciente. As palavras são concebidas por Freud como um meio de ligação que capacita os resíduos de percepções a se tornarem conscientes.

Conforme Freud (1915/2010), quando reforçados por novas qualidades (sobreinvestimento), por meio da ligação com palavras, os investimentos que correspondiam apenas a relações entre as representações de objeto, sem poder trazer nenhuma qualidade às percepções, são agora passíveis de acesso à consciência. *“Tais relações, tornadas apreensíveis apenas mediante palavras, são um componente capital de nossos processos de pensamento”* (Freud, 1915/2010, p.148). Freud acrescenta ainda que o pensar ocorre em sistemas afastados dos originais resíduos de percepções, por isso, exige uma organização psíquica mais complexa e mais desenvolvida.

Freud (1915/2010) confere maior mobilidade à representação-coisa, ao passo que, em se tratando da palavra, ocorreria uma espécie de fixação. Essa tradução em palavras seria, no recalque, a representação rejeitada, que impede que as palavras se liguem ao objeto. Na medida em que falte esse sobreinvestimento, o ato psíquico fica sem representação-palavra e permanece então no inconsciente como algo recalcado, enquanto representação-coisa (Freud, 1915/2010). Dessa maneira, a representação-palavra é vista como uma aquisição a partir de uma transcrição da representação-coisa.

Seria então imaginável uma transformação das marcas mnêmicas por meio de reordenações e de retranscrições? A partir da Carta 52, pode-se inferir que, ao falar a respeito das possibilidades de rearranjos das inscrições no psiquismo, Freud (1896/ 1987) nos dá subsídios para pensar em uma ideia de transformação dessas marcas iniciais por meio de novos nexos reordenadores e das transcrições que os registros podem sofrer ao longo do desenvolvimento. Acredito que esses sejam elementos que tornam possível pensarmos em termos de ressignificação e de elaboração na clínica.

Outra característica interessante em relação às palavras diz respeito aos seus aspectos contraditórios, questão tão bem abordada por Freud, no texto *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* (Freud, 1910/2013). Nesse trabalho, Freud, ao refletir sobre o desenvolvimento da linguagem, percebe ainda na língua egípcia a existência de palavras com dois sentidos, uma mesma palavra designando uma coisa e o seu contrário, ao mesmo tempo. Ao constatar que existe na história essa tendência, Freud (1910/2013) nos fala do potencial da linguagem para unir coisas que a priori se opunham. Podemos observar, segundo Freud (1910/2013), nas brincadeiras das crianças, o quanto elas invertem o som das palavras, e em senti-

do mais profundo, observar a inversão do material figurativo que permeia também os sonhos.

Ideia semelhante aparece no texto *O Inquietante* (Freud, 1919/2010), mais conhecido como *O estranho*, no qual Freud apresenta as nuances de significado de uma palavra, palavras que soam estranhas para o sujeito, mas que, na verdade, revelam algo muito familiar e conhecido. Algumas palavras provocam então uma espécie de avivamento de algo que tinha sido recalçado e que o sujeito desejava que permanecesse oculto, esclarecendo o fato de que o recalque não faz desaparecer inteiramente o material psíquico.

E quando a palavra falta?

Conforme o desenvolvimento da psicanálise, manifestou-se uma necessidade de ampliação das teorizações iniciadas por Freud para além das vivências dotadas de representação. Trata-se de funcionamentos e de estruturas com menores níveis de desenvolvimento e de integração, os quais nos tiram do campo do recalque e de um trabalho analítico que busca a revelação do inconsciente.

Existe um nível arcaico da vida psíquica que se encontra fora do campo da linguagem e passível de comunicação apenas por vias muito primitivas e pré-verbais. Trata-se de formas primordiais da vida mental, experiências que não encontram formas de expressão diretas, não são visíveis ou audíveis (Cintra & Figueiredo, 2003). Cintra e Figueiredo (2003) propõem que, nesses casos, o analista primeiramente precisará ajudar os pacientes a abrir espaço para simbolizações, isto é, terá ele próprio de ser capaz de formular e de colocar em palavras, além de devolver essas palavras para o paciente, o que seria o primeiro passo para uma elaboração.

Conforme Cintra e Figueiredo (2003), esse processo de oferecer uma palavra interpretativa foi denominado por Lacan como um procedimento de colocação de um enxerto no psiquismo do paciente, uma espécie de operação que se dá via palavra do analista e que precisará enlaçar-se com aquele mínimo de vida mental já disponível em forma linguística no paciente, a fim de criar palavra onde não há.

Nessa medida, o "enxerto" de que nos fala Lacan pode não ser uma mera e violenta prótese introduzida arbitrariamente no psiquismo do paciente, mas uma possibilidade – a única – de dar forma, nome e uma certa passagem para a simbolização ao irrepresentável pulsional, estruturado como fantasia inconsciente e que, em sua urgência, exige um trabalho de elaboração. (Cintra & Figueiredo, 2003, p.176)

No caso de pacientes regressivos, que apresentam formas arcaicas de pensamento e nível simbólico precário, o oferecimento da capacidade de pensar e das palavras do analista possui papel ainda maior. Serve muitas

vezes como modelo para a construção de novos espaços na mente do indivíduo. Poderíamos pensar que o analista empresta sua criatividade e todo o seu aparato psíquico à medida em que metaboliza as experiências emocionais do paciente, as traduz e as significa, eleva a nível da linguagem – processo secundário – o que o paciente comunicou muitas vezes apenas em termos de processo primário. Figueiredo (2007) defende que essa possibilidade criada no tratamento surge como uma oposição às faltas traumáticas vividas pelo paciente, uma vez que oferece ao sujeito uma experiência de integração.

Nomear e dar forma às experiências é um processo de criação, realizado por Eliane por meio da escrita, mas que em muito se assemelha às criações que acontecem também no *setting*. Seu livro apresenta uma dimensão poética, possível em função dos aspectos criativos da autora; mas, não seria o tratamento analítico em muito também poético? Penso que nossa tarefa enquanto terapeutas/analistas é em muito inventiva. Estamos o tempo todo oferecendo palavras no lugar de não palavras, criando e compondo junto.

Até então eu percebia o mundo como uma noite sem lua. Meu corpo era fluido, sem formas definidas, esparramado pelo espaço. Quando me encarnava, eu doía. Vírus e bactérias me atacavam, tinha reações alérgicas e com frequência minha pele era bordada por bolotas vermelhas, furúnculos (Brum, 2014, p.109).

Eliane fala de modo sensível sobre o quanto as palavras deram uma lógica para a sua vida e a fizeram suportar o seu corpo, ela que se narra como uma menina que sempre viveu e sentiu tudo no corpo, encontrou nas palavras a junção dos pedaços desse corpo, fez costuras e ligações. Segundo Eliane, o caos faz barulho e, por mais que se busque silenciá-lo, ele insistirá por se fazer ouvir. Aquilo que em nós é desconhecido, rouba forças. À medida em que se torna conhecido, cria novas possibilidades de destino ao que antes era apenas ruído e dor, e que insistia em não se representar.

Para Marucco (2013), o aumento de significação e a possibilidade de representar algumas dessas vivências é algo que se dá na criação com o outro, o analista, no caso. Acredito que, se estamos falando de experiências que estão à procura de palavras, dar a alguém a oportunidade de falar, de pensar sobre o que sente e de ser escutado, é possibilitar que metabolizações e simbolizações possam ocorrer. Eliane faz referência em vários momentos do livro ao fato de que a escrita se dirige a alguém na medida em que pressupõe um leitor. De igual maneira, fala-se no tratamento, porque alguém está a escutar. Ao narrar sobre o dia em que escreveu pela primeira vez, Eliane conta que foi através da sua primeira poesia que sentiu receber de verdade a atenção do seu pai: “as palavras levaram meu pai até mim” (Brum, 2014, p. 110). A palavra é lugar de encontro, encontro consigo e encontro com o outro.

A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades. As manchas da minha pele primeiro rarearam, em seguida desapareceram. A literalidade que assinala meu estar no mundo, fazendo de mim uma geografia em que os sentimentos escavam quase mortes, encontrou uma mediação. Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência. Fui salva pela palavra escrita quando comecei a ler – e (talvez) em definitivo quando escrevi. E – importante – quando fui lida (Brum, 2014, p. 110).

No decorrer da escrita, Eliane se percebe criando sentido para a sua história, a ressignifica e elabora. Muitas coisas não ditas, ou desde sempre impronunciáveis por meio das palavras, encontram forma e lugar. É por meio da escrita que Eliane encontra um espaço para construir e para atribuir significados aos seus padecimentos psíquicos, à medida em que, via palavra, constrói um discurso sobre si. Conforme escreve, traduz, significa, cria saberes sobre si, ao mesmo tempo em que as palavras lhe permitem metaforizar suas experiências. É dessa forma que ela se constrói e se torna agente ativa da sua vida, uma vez que produz uma compreensão própria e autoral. Segundo a autora, quando se está desprovido de palavras e de linguagem, corre-se o risco de ficar alienado à história de um outro, à uma história contada, ou se quer contada, muitas vezes.

Às vezes, me perguntam o que aconteceria comigo se não existisse a palavra escrita. Eu respondo: teria me assassinado, consciente ou não de que estava me matando. É uma resposta dramática, e eu sou dramática. O que tento dizer é que, se não pudesse rasgar o papel com a caneta, ainda que numa tela digital, eu possivelmente rasgaria o meu corpo. E, em algum momento, o rasgaria demais. (Brum, 2014, p. 17)

Considerações finais

A palavra, seja por meio da escrita ou via tratamento analítico, é o meio pelo qual se constrói uma narrativa. Histórias são contadas por meio de palavras, encontros e relações compõem-se de palavras, lembranças emergem, podendo adquirir significações e se enlaçar com novas palavras. No livro, Eliane deixa claro o quão transformador foi o seu encontro com as palavras. Diariamente, nas sessões de análise, pode-se comprovar também o contorno que as palavras ofertam aos acontecimentos de cada sujeito.

De maneira geral, o trabalho apresenta a palavra como meio potencial para dar qualidades ao vivido, capaz de promover significações e sentidos às histórias dos sujeitos. É por meio da palavra que a dupla analítica constrói narrativas capazes de dar sentido aos corpos. O ato de colocar em palavras oferece lugar para vivências que estavam fora da experiência subjetiva, criando novas possibilidades de significação.

O processo analítico é um meio de transformação simbólica de vivências anteriores e um lugar de reinvenção, sobretudo porque amplia o universo das emoções do paciente e expande a capacidade de pensar. A palavra é essa ponte para que simbolizações possam ocorrer, é fonte de acomodação para o que estava fora do lugar, sem lugar, sem sentido, dóido. Narrar, contar, criar, recriar, inovar. Ao falar, coisas se alteram. Com palavras, coisas agora são mais do que coisas, imagens adquirem sentido. Deixa-se de sentir no corpo ou em silêncio. Ganha-se um sentir diferente. Um sentir com sentido, agora – a nível de pensamento. Narrar tem consequências, carrega potencial de mudança, de alteração.

Meus desacontecimentos nos fala sobre o poder da história contada. Sem dúvidas, palavras enlaçam e dão forma ao corpo. É por meio delas que a dupla analítica constrói narrativas capazes de dar sentido às existências. Talvez não seja desacontecer, mas encontrar lugar para o acontecido. Afinal, a vida só é possível reinventada. "Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo" (Brum, 2014, p.111).

Referências

- Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya.
- Cintra, E. M. U., & Figueiredo, L. C. (2003). *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, 11(21), 13-30.
- Freud, S. (1976). Uma nota sobre o Bloco Mágico. In *Obras psicológicas completas. Edição Standard Brasileira, vol 19*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1987). Carta 52. In *Obras psicológicas completas. Edição Standard Brasileira, vol. 1*. (pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Carta datada de 1896 e originalmente publicada em 1950).
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In *Obras completas, vol. 12*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Obras completas, vol. 14*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2013). Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In *Obras completas, vol. 9*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In *Obras completas, vol 8*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana – volume 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gutfreind, C. (2018) *A arte de tratar: por uma psicanálise estética*. Porto Alegre: Artmed.
- Marucco, N. C. (2013). O representável e o irrepresentável: algumas ideias gerais. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 20(1), 185-192.